

O escudo nas portas de Constantinopla

VILEM FLUSSER

Razões que devem ser procuradas nos arcanos que se escondem nos respectivos Ministérios de Educação, podem explicar porque a palavra "Constantinopla" evoca algo completamente diferente na mente de um estudante secundário brasileiro e de um estudante russo. O presente artigo defenderá a tese seguinte: diferenças desta ordem, portanto de ordem semântica, são responsáveis pela divisão nefasta da civilização ocidental em "oeste" e "leste", e discutilas poderá contribuir, embora modestamente, para superá-las. Com esta intenção um tanto utópica, convido o leitor a transportar-se comigo para o conceito "Constantinopla".

A ocupação de Constantinopla pelos turcos contribuiu, como todo estudante brasileiro sabe, para a descoberta do Brasil. E por que não? Afinal, todo e qualquer acontecimento anterior ao descobrimento contribuiu para ele. Se escolhemos arbitrariamente um dado histórico como eixo do processo da história (e o Ministério de Educação escolheu o descobrimento como eixo), então toda história anterior é condição do seu aparecimento, e toda história posterior é sua consequência. Estamos em face de uma filosofia da história implícita na orientação do Ministério de Educação, uma filosofia tão válida quanto a hegeliana. Fazer do descobrimento do Brasil o eixo da história não é mais absurdo de que fazer do reino da

Prússia a meta da história. São duas formas extremadas de providencialismo, e a hegeliana é a mais ridícula, porque se dá ares de universalidade. No contexto do provincianismo brasileiro (o qual, por sua vez, é um subprovincianismo latino), a ocupação turca de Constantinopla é portanto valorizada positivamente. Entretanto, a valorização não é muito violenta. Os corações dos alunos não palpitam perigosamente ao serem confrontados com este dado histórico. Enfrentam-no com relativa equanimidade. A situação é inteiramente diversa no contexto do provincianismo russo (o qual é, por sua vez, um subprovincianismo grego). O nome eslavo de Constantinopla é "Tsarigrad" (a Cidade do Imperador). É a capital do Santo Império ortodoxo grego. A sua ocupação pelos turcos equivale à de Roma pelos hunos. Entretanto, os turcos triunfaram onde os hunos falharam. O Império latino, embora abalado pelas invasões bárbaras, conseguiu, na forma da Igreja católica, e na forma do Santo Império de nacionalidade germânica, preservar precariamente a sua continuidade. A civilização latina é consequência da luta entre estas duas formas do Império latino. No fundo somos todos ainda gibelinos ou guelfos. Mas o Império grego, irmão gêmeo do latino, ruuiu. Ruuiu para ressurgir milagrosamente em terras eslavas. Moscou substituiu Constantinopla, o Tsar substituiu o Imperador,

e o Cremlin a Santa Sofia. Pelo êxito turco os eslavos conseguiram, em território grego, o que os germanos jamais conseguiram em território latino: tornarem-se herdeiros incontestes do Império Romano. Eis o que evoca a palavra "Constantinopla" na mente do aluno russo.

Aprofundemo-nos um pouco no problema esboçado pela palavra "Constantinopla". Ele contém a semente da divisão do Ocidente, e também o fundamento de que ambas as metades do Ocidente compartilham: Roma. A divisão se deu quando o Império se deslocou para Bizancio, a "Nova Roma". As duas metades, a latina fortemente helenizada, e a grega, fortemente latinizada, começaram a divorciar-se, a seguir rumos diversos, embora paralelos. A parte ocidental, mais barbara e mais flexível, iniciou sua viagem rumo ao catolicismo, ao gótico, à reforma, ao renascimento. A parte oriental, mais civilizada e mais tradicional; dirigiu-se, mais vagarosamente, rumo ao bizantinismo, ao misticismo, à ortodoxia. Grande parte do caminho viajaram juntas. Juntas lutaram contra os godos, juntas contra os saracenos, juntas contra os seljuks. Mas a aventura do renascimento, embora em grande parte consequência da influência de Constantinopla, o Ocidente latino a percorreu sem assistência bizantina. Os eslavos, herdeiros de Bizancio, empenhados em luta mortal contra a estepe, protegiam as costas do avanço latino sem poder participar dele. Em consequência, aprofundaram-se as diferenças de mentalidade. A tendência herética dos latinos distanciava-se sempre mais da tendência ortodoxa grega. A santidade do Estado, consequência de sua fusão com a Igreja, e seu poder salvador e messianico dominava o pensamento grego, enquanto que o pensamento latino se secularizava. A conversação entre ambas metades de Roma tornava-se difícil. Aos olhos dos latinos a ortodoxia representava uma força retrógrada e obscurantista. Do ponto de vista bizantino, as experiências latinas representavam traição barbarizante e superficial ao cristianismo. O congresso de Viena ilustra bem a confusão de linguas. A "Santa Aliança", instrumento messianico imaginado pelo Tsar, era, para os latinos, um instrumento quase científico para o restabelecimento do equilíbrio de forças. A Roma latina e a Nova Roma não mais se entendiam.

A nossa geração testemunha uma confusão linguística entre as duas metades de Roma que ameaça degenerar em conflito suicida. Palavras greco-latinas,

provenientes de fundamento comum, são lançadas nesse jogo mortal de tenis de mesa de uma para a outra metade, modificando-se toda vez que passam de um ambiente para o outro. Dois exemplos típicos são "democracia" e "imperialismo". Uma análise paciente desses conceitos demonstraria, sem dúvida, que sofreram alterações profundas no curso da história divergente das duas metades de Roma. Mas ninguém dispõe dessa paciência no presente momento. Aparentemente é menos incomodo lutar que pensar.

Essa situação é mascarada e infinitamente complicada pela seguinte circunstância que seria ridícula se não fosse tão perigosa: uma heresia latina, o marxismo, apoderou-se superficialmente do Império bizantino, substituindo a linguagem da Igreja ortodoxa pelo "slang" hegeliano. É evidente que o marxismo se assimilou à ortodoxia em sua passagem para Constantinopla. Assumiu todas as formas externas e todas as funções da Igreja. Continuam quase inalteradas as procissões carregando ícones, as confissões e penitências públicas, a perseguição fanática à heresia, as limpezas ("catharsis") periódicas, embora em trajes marxistas. E a Igreja (Partido) continua a inspirar o Estado ideologicamente, enquanto que o Estado continua a servir de estrutura para as realizações seculares da Igreja em seus esforços messiânicos e salvadores. Mas a linguagem mudou. Os livros sagrados não são mais gregos ou eslavos, mas vazados na linguagem da filosofia alemã do século 19. Certamente isto representa uma deterioração estética, mas o problema é mais grave. A nova linguagem, justamente por ser superficialmente "latina", torna a conversação com os latinos quase impossível, por que cheia de mal-entendidos: Uma conversação autêntica pode ser estabelecida somente com um esforço enorme de traduções e retraduições de e para as diferentes camadas de significado. Entretanto, o esforço é necessário para a sobrevivência do Ocidente.

A civilização ocidental, fruto da conversação greco-latina, é um organismo fragil. Comparada com as civilizações antigas e veneráveis da China, da Índia e do Oriente Próximo, é recentíssima. Um cem gerações separaram o fruto decadente, que é a civilização ocidental atual, das suas promissoras raízes jônicas. Na maior parte dessa curta história, o Ocidente não passava de apêndice desprezível no corpo da civilização humana. O próprio Império Romano, expressão máxima do Ocidente, perde em majestade se comparado com os impérios chineses, hindus e persas que lhe eram contempo-

raneos. Durante a Idade Media, o Ocidente foi quase reabsorvido pelo humus fértil e antiquíssimo da Ásia, muito superior em cultura e civilização ao Ocidente daquele tempo. Há trezentos anos, é verdade, o Ocidente governa o globo, mas trezentos anos são um momento passageiro na história da humanidade. Abundam sintomas do ocaso do Ocidente e do renascimento das sociedades por ele subjugadas. É verdade que, nesses trezentos anos, o Ocidente conseguiu aumentar enormemente o seu território eliminando as populações chamadas "primitivas" das Américas, da Austrália e da Ásia central e colonizando esses territórios. Mas o aumento demográfico das sociedades tradicionais elimina essa vantagem. Aqueles, portanto, que lutam pelos valores do Ocidente (muito embora tenham provavelmente grande dificuldade para defini-los), devem, antes de mais nada, tratar de superar a divisão do Ocidente. E mesmo os que, como o presente articulista, admitem a dificuldade da definição desses supostos valores, mas admitem simultaneamente os seus preconceitos em favor de uma civilização á qual pertencem, devem esforçar-se em prol do estabelecimento de um diálogo autêntico com Constantinopla.

O messianismo ortodoxo sonha com a reconquista de Constantinopla. Um tema sempre recorrente na literatura eslava é "stít na vrátech Caríhradu" (o nosso escudo nas portas de Constantinopla). Este sonho não é tão diferente da saudade latina pela Grécia, expressa por Goethe na frase "Das Land der Griechen mit der Seele suchend" (procurando a terra dos gregos com a alma). As diferenças que nos separam de Bizâncio são menores do que as semelhanças que nos ligam a ele. A nossa língua, embora diferente, é afim. Os nossos pensamentos brotam do mesmo humus. É preciso penetrar a confusão relativamente recente para atingir a identidade fundamental. Porque os valores ocidentais, se os há, devem estar ancorados nessa identidade fundamental que nos une. É certo que nós, peões desprezíveis no tabuleiro terrível da chamada "realidade social", nada podemos fazer para contribuir para uma superação da divisão nefasta nesse terreno. Mas no foro íntimo, onde a divisão encontra a sua cópia em miniatura, podemos e, conforme creio, devemos fazer um esforço de pensamento, embora este seja talvez mais penoso, por ser mais isolado, de que um esforço de empenho barulhento.